

KASSUENDE

Uma histórica base que o tempo apagou

... vinte e quatro anos depois, nada resta no local senão um manto de floresta e monturos de terra

Alfredo Macaringue

FALAR da guerra de libertação na província de Tete implica, necessariamente, falar de Kassuende, um pequeno povoado a norte de província, mesmo junto à fronteira com a vizinha República da Zâmbia. Foi este o principal baluarte da luta de libertação nacional a partir do qual a luta armada veio depois a expandir-se, primeiro, para toda a província de Tete e, depois, para as de Manica e Sofala. De Kassuende partiram os mancebos para a preparação militar na Tanzânia. Ali regressavam para receber tarefas depois do treino militar.

Para lá se chegar hoje é preciso ter tempo e acima de tudo muita paciência. Só da capital tenses à fronteira de Cassacatiza junto à fronteira com a Zâmbia vai um percurso de mais de 300 kms. Muito cedo cresceu o nosso interesse em visitar o local, a avaliar pelas repetidas referências que os antigos guerrilheiros da Frelimo e, nalguns casos, mesmo fundadores do movimento libertador, faziam do local, ao ser entrevistados recentemente pelo nosso Jornal.

Porém, tal pretensão começava e terminava na vontade de lá chegar, porque do nosso lado ninguém fazia a mínima ideia de onde ficava o lugar. Foi mesmo preciso fazer uma deslocação de mais de 700 kms, ida e volta, primeiro de Tete até Dômuê no Distrito de Ulônguê, junto a fronteira com o Malawi para procurar por um antigo combatente que operou no chamado 4º Sector e que serviria de uma espécie de guia. Não foi fácil localizá-lo, muito embora ele tivesse sido avisado com antecedência de que poderia ser solicitado por

aqueles dias para uma missão daquela natureza. Fruto de uma intensa acção de busca acabamos por localizar o homem até então procurado. Era ele Damião dos Santos Banda.

Era muito natural que não me apanhassem em casa, pois ando preocupado em levar o dinamo avariado da minha moageira para cidade de Tete a fim de ser reparado, justificou-se Banda, mostrando-se, todavia, disponível para avançar connosco a qualquer momento.

Sem demoras, deixamos no mesmo dia Ulônguê em direcção a Tete, iniciando na madrugada seguinte a viagem a Kassuende. Fizemos questão de partir às quatro da manhã e assim aconteceu. Atingimos o posto fronteiriço de Cassacatiza, cerca das horas. Mas para chegar a Kassuende, por estrada, é preciso entrar na Zâmbia para novamente entrar no território nacional onde está a antiga base militar. Do lado do território nacional torna-se difícil atingir a base, uma vez que nunca houve estrada para lá e mais ainda a mata é densa e cerrada que só a guerrilha poderia explicar como é que fazia para ali se movimentar e fazer a guerra.

Chegados à fronteira de Cassacatiza, do nosso lado, como seria natural, cumprimos com as mais elementares formalidades migratórias com a maior das naturalidades. Porém, o mesmo já não aconteceu do lado zambiano. As autoridades migratórias, nas suas mais variadas ramificações, fartaram-se de nos submeter a um penoso jogo de "ping-pong" com uma série de exigências sem sentido, tudo feito na tentativa de



O tempo foi severo. Daquilo que foi a história Base Kassuende nada mais restou, senão vestígios de pedra e terra, tal como imagem documenta. (Foto e Carlos Bernardo)

nos extorquir dinheiro que não tínhamos. Quando verificavam que os nossos documentos não davam motivos para dificultarem a nossa entrada no território zambiano então inventavam eles um motivo para dar lugar a uma nova solicitação, exigindo esta ou aquela documentação ora para pessoas, ora para a viatura. Neste "ping-pong" foram-nos roubadas mais de duas horas e meia e só saímos disso graças a intervenção das autoridades migratórias moçambicanas que ao tomar conhecimento do problema foram negociar a nossa entrada junto dos seus colegas zambianos. E assim entramos na Zâmbia.

NA ZÂMBIA EM DIRECÇÃO A KASSUENDE...

Já em território zambiano, prosseguimos viagem sempre a uma velocidade constante de 120 km/hora, tudo feito na tentativa de chegar a base Kassuende com uma margem de tempo suficiente para regressarmos no mesmo dia à cidade de Tete. Per-

corridos 50 kms alcançamos a vila de Katete, uma espécie de contra-parte moçambicana de Tete. Nesta vila vive um familiar de Damião dos Santos Banda, o nosso acompanhante, que, por sinal, foi também antigo combatente. Banda achou por bem ir sua casa consultá-lo primeiro, não fôssemos nós correr o risco de fazer um grande percurso para depois dizerem que no sítio "X" ou "Y" a estrada foi cortada pelas chuvas ou porque há muito que já não se passa por lá.

Para o nosso azar, o homem estava, mas não em condições de nos acompanhar, porque havia se ferido em pleno trabalho caseiro numa das suas pernas. Mesmo assim forneceu-nos indicações úteis sobre como chegar à base Kassuende e assegurou que o nosso Land Cruiser, a todo-o-terreno, poderia lá chegar. Retomamos em seguida a marcha. Num percurso de duas horas idos de Katete e chegámos a região de Kassuende já em território moçambicano. De notar que não é fácil ao visitan-

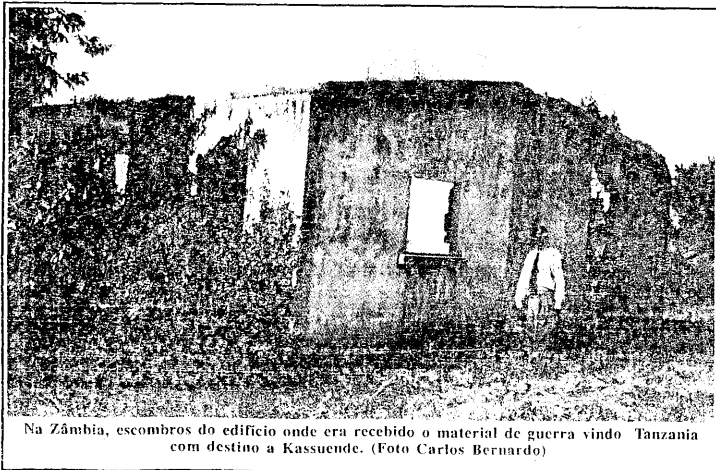
te comum aperceber-se que já está de novo em Moçambique porque não há sinal nenhum que dê essa indicação. É única floresta densa que se estende entre as duas fronteiras sem criar nenhuma diferença. As culturas que se praticam tanto de um como do outro lado são as mesmas. Todas têm um milheiral a perder de vista, embora se diga que a cultura do milho do lado zambiano distingue-se, regra geral, por ser curta. Só os próprios habitantes, conhecedores da região, é que estão em condições de dizer, olha aqui já é Moçambique e ali é Zâmbia. Mas é tudo um conjunto de floresta muito bem densa, às vezes interrompida por alguns campos agrícolas de alguns camponeses que aí vivem. Foi neste ambiente que Damião Banda teve que procurar por um antigo companheiro de luta Laichane Julisase, 40 anos, que pela sua vivência na região bem poderia ajudar-nos a localizar a base Kassuende. Laichane Julisase é um homem que ali nasceu e com-

bateu e permaneceu até hoje. Dali nunca mais saiu, mesmo depois de terminada a luta de libertação nacional. Foi ele que nos levou ao local que em tempos da nossa História recente serviu de uma importante base para a luta na província de Tete. Verdade seja dita, quando o combatente chegou e olhou para um monturo de terra ainda acumulada e disse aqui foi a base Kassuende ninguém pôde acreditar no que ouvia e ao mesmo tempo via.

Custava-nos acreditar que de tanto papel relevante desempenhado por esta base, primeiro na recepção de jovens mancebos para o seu encaminhamento para a Tanzânia e depois na recepção de material de guerra para alimentar a luta no interior, sobretudo na abertura das frentes Manica e Sofala, hoje estivesse apenas reduzida a monturos de terra e nada mais. Procuramos encontrar uma explicação rápida para aquilo junto dos nossos acompanhantes de circunstância e nada tivemos em resposta. Entrelhamo-nos todos, jornalistas e combatentes.

Não havia mais nada para ver senão aquela paisagem. E a triste conclusão seria mesmo esta: a geração dos libertadores deste país deixou abandonados alguns dos seus mais importantes pontos da História recente da libertação de Moçambique.

É verdade que as habitações erguidas nessas bases eram de material precário por isso muito pouco tempo poderiam durar. Porém, a colocação de alguns marcos de alguma consistência permitiria salvar esses locais do seu definitivo desaparecimento em prejuízo de toda uma história do nascimento de um país independente que é hoje Moçambique.



Na Zâmbia, escombros do edifício onde era recebido o material de guerra vindo da Tanzânia com destino a Kassuende. (Foto Carlos Bernardo)



Damião dos Santos Banda e o nosso repórter consultando no mapa a localização de Kassuende na véspera da viagem. A consulta é feita em Ulônguê (foto de Carlos Bernardo)